

Sobre o *Enchiridion Militis Christiani*, de Erasmo de Roterdão

César de Alencar Arnaut de Toledo

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. Direção eletrônica: caatoledo@uem.br

RESUMO. Análise da obra *Enchiridion militis christiani*, de Erasmo de Roterdão (1466/69-1536), cuja data aproximada de composição é 1501, e a primeira publicação é de 1503. O texto era dirigido a um jovem soldado, com o intuito de dar-lhe apoio, fornecendo algumas regras de comportamento. Para tanto, Erasmo expôs suas idéias sobre espiritualidade, política e igreja – por meio de seu conceito humanista-cristão de homem. Na obra, Erasmo propôs, antecipadamente, idéias que lhe acarretariam acusações, tanto por ser excessivamente apegado à tradição, por parte dos Reformadores, quanto por ser estimulador da “sedição” no seio do cristianismo, por parte dos católicos conservadores. E, ambas as tradições, reclamaram posteriormente o pensamento de Erasmo como seu patrimônio. Baseado em uma corrente de espiritualidade, que se desenhava na Igreja havia pelo menos um século, ele prefigurou as místicas não mais especulativas de Santo Inácio de Loyola e de Santa Teresa de Ávila, considerados comumente como os inauguradores da moderna espiritualidade católica, com uma ética correspondente. Ambas foram assentadas em uma perspectiva de “esforço” (ou trabalho) espiritual, conceito típico da modernidade, e que Erasmo já anunciava em seus textos.

Palavras-chave: Erasmo de Roterdão, ética, cristianismo, século XVI, espiritualidade.

ABSTRACT. About the *Enchiridion Militis Christiani* of Erasmus of Rotterdam. This research aims at analyzing the *Enchiridion Militis Christiani* work of Erasmus of Rotterdam (1466/69-1536), whose approached date of composition was 1501 and the first publication in 1503. The text was written to a young soldier, for whom some behavior rules were supplied in order to give him support. For that, Erasmus exposed through Man's Christian Humanists concepts about spirituality, politics, Church. In the work, Erasmus proposed, in advance, ideas that would entail him, later, accusations of being either excessively attached to the tradition on the Reformers part as to stimulating the "sedition" in the Christianity breast on the conservative Catholics part. And, both traditions, complained later on Erasmus' thought as their patrimony. Erasmus prefigured Saint Ignatius of Loyola and Saint Teresa of Ávila no more speculative mystics with corresponding ethics. He made this based on a spirituality chain designed at the Church at least one century ago. And both Saint Ignatius and Saint Teresa are commonly considered as the founders of the modern Catholic spirituality. Both were settled in a spiritual perspective of "effort" (or work)- a typical concept of the Modernity and that Erasmus already announced in his texts.

Key words: Erasmus of Rotterdam, ethics, christianity, 16th Century, spirituality.

Introdução

O texto *Enchiridion militis christiani* (Manual do soldado cristão), composto por volta de 1501, tinha o propósito de ser um manual de piedade cristã. No entanto, acabou revelando, também, uma visão política do seu autor. Os temas tratados e a forma de fazê-lo indicaram isso. A análise da estrutura e do conteúdo do texto pode nos revelar, e muito, o pensamento de Erasmo de Roterdão.

Era comum na Europa, do final do século XV e início do século XVI, a divulgação de manuais de piedade cristã. Além de serem um meio rápido e eficaz de disseminação de idéias, os manuais

ganhavam o gosto das pessoas que sabiam ler, mas não possuíam acesso irrestrito às bibliotecas, privilégio de poucos. Desde o grande sucesso da “Imitação de Cristo”, os manuais proliferaram. A autoria da “Imitação de Cristo” é atribuída a Tomás Kempis (1380-1471), nascido em Colônia, e que viveu no mosteiro de Sant’Ana, próximo a Zwolle nos Países Baixos, como cônego regular agostiniano. O opúsculo é dividido em quatro partes:

1. Avisos úteis para a vida espiritual;
2. Exortação à vida interior;
3. Da consolação interior;
4. Do sacramento do altar.

Trata-se da mais importante expressão da

chamada *devotio moderna*, corrente espiritualista desenhada no interior do catolicismo do final da Idade Média. Essa exerceu grande influência entre os místicos, mas também contribuiu para alterar os rumos da pastoral eclesial, seguindo uma tendência que se desenvolvia desde o Mestre Eckhart de Hochheim (1260-1328), dominicano cujos escritos místicos foram condenados pelo papa João XXII¹ em 27 de março de 1329, logo após sua morte. Ele delineou uma noção de mística mais centrada no indivíduo. Tal tendência seria mais desenvolvida pela “Imitação de Cristo”, cuja data provável de publicação é 1441.²

A “Imitação de Cristo” contém uma moral prática e normas para agir segundo o ideário cristão. Nesse sentido, antecipava a concepção moderna de religião mais centrada no indivíduo. O *Enchiridion militis Christiani*, de Erasmo, seguiu a linha da exposição de regras de comportamento, em uma demonstração de profundo conhecimento que seu autor possuía da mística cristã. A influência pode ser notada.

Outra influência importante e notória sobre o escrito de Erasmo é a chamada teologia mística de São Bernardo de Claraval (1090-1153), monge cisterciense que exerceu decisiva influência sobre a Igreja de seu tempo, tornando-se uma das mais destacadas figuras do cristianismo ocidental.³ A mística bernardiana, no entanto, não era separada de uma visão política fortemente impregnada do clima cruzadístico hegemônico no cristianismo ocidental de seu tempo. A Segunda Cruzada (1146-1149), encetada e levada a cabo pelos cavaleiros cristãos, foi pregada e fortemente defendida por São Bernardo de Claraval.⁴ Isso provou sua grande liderança na cristandade e a ascendência sobre o papa Eugênio III, papa entre os anos de 1145 e de 1153, cujo nome era Bernardo Paganelli de Montemagno, seu amigo.⁵

O texto de Erasmo é dirigido a um jovem soldado não identificado, chamado por ele na segunda pessoa do singular, indicando, assim, grande familiaridade e ascendência de Erasmo sobre o destinatário do pequeno texto. O escopo do texto é apresentar um ideal de vida cristã a ser seguido pelo jovem. A obra é

dividida em três grandes partes, e o núcleo central está na maior delas, a segunda. A primeira parte é mais voltada à discussão das questões ligadas ao intelecto, e nela são abundantes as referências a Platão, a Orígenes, a Santo Agostinho e a São Jerônimo. Vemos, assim, uma importante característica do pensamento Humanista de Erasmo: a forte presença de autores clássicos não-cristãos freqüentando o texto. Nessa primeira parte, ao falar das armas de uma milícia cristã, Erasmo insistia na virtude do combatente e na sua forma de rezar como basilares da sua constituição. Para ele, a ciência deveria ser completa e a prece, por sua vez, não deveria ser indolente.⁶ Tal união seguia a teologia mística de São Bernardo de Claraval, especialmente sua visão de combatentes como modelos de virtude, não só para a soldadesca, mas também para toda a cristandade.⁷

A relação entre sabedoria falsa e verdadeira, supondo como base da verdadeira sabedoria o conhecimento de si, é também o tema da primeira parte do texto. O conhecimento de si é um requisito essencial para um combatente, seja qual for o seu campo de batalha. A parte foi iniciada falando da superioridade da paz, mesmo para aqueles que não pensam na paz verdadeira.⁸ A incansável pregação de Erasmo em favor da paz permaneceria como uma das mais importantes características da sua personalidade, e esteve sempre presente em seus escritos. Isso pode ser verificado por uma análise de seu posicionamento nos momentos mais sensíveis (ou perigosos) que enfrentou com a cúria romana, com Martinho Lutero e seus seguidores, ou, ainda, com os partidários de Henrique VIII, na intrincada questão de seu divórcio. Tanto Henrique Tudor quanto Martinho Lutero haviam sido seus amigos.⁹

Roma apelou a Erasmo para que se posicionasse contra Lutero e seus simpatizantes. Esses instaram-no a assumir conseqüentes posições reformadoras, declarando-se hostil à cúria de Roma. Os apoiadores da “tese da sucessão” no trono inglês pediram-lhe apoio. A todos, ele respondeu de modo irônico e, às vezes, mordaz, mas sempre apelando ao diálogo e à concórdia. Todos foram, também, igualmente criticados por ele.

A cúria romana e seu fausto, foram criticados por

¹ Trata-se de Jacques Duèse, cujo pontificado durou de 1316 a 1334, num período de ampliação do poder do partido francês no colégio cardinalício (e do rei da França) com resultados nas eleições dos papas. A sede do papado se encontrava alojado em Avinhão, no sul da França. O período ficou conhecido pelo nome de “Cativo babilônico da Igreja (1309-1377)”. Cf. Fischer-Wollpert, Rudolf. *Léxico dos papas*. p. 107-108; 187-188.

² Cf. Cabral, José Maria. Prefácio. In: Kempis, Tomás. *Imitação de Cristo*. p. 5-9.

³ A respeito da teologia mística de São Bernardo de Claraval, veja-se o estudo clássico sobre o tema: Gilson, Étienne. *La théologie mystique de Saint Bernard*.

⁴ Cf. Arnaut de Toledo, César de Alencar. Bernardo de Claraval e a exortação aos *Cavaleiros do Templo*. In: Anais da II Semana de Filosofia da Uesc. Ilhéus. 18 a 20 de outubro de 2000. Ilhéus: Editus, p. 9-19.

⁵ Cf. Fischer-Wollpert, Rudolf. Op. cit. p. 86-87.

⁶ Erasmo. *Enchiridion militis christiani*: Sed ut scientiam oportet non esse mancam, ita precationem non convenit esse ignavam. In: Erasmus von Rotterdam. *Ausgewählte Schriften*, Volume 1, p. 76.

⁷ Veja-se Bernardo (San). *Liber ad Milites Templi*. De laude novae militiae. In: *Opere* I, p. 425-283.

⁸ Erasmo. *Enchiridion*... Pax igitur summum illud est bonum, ad quam omnia sua studia mundi quoque amatores referunt, sed falsam, ut dictum est. p. 100.

⁹ Veja-se Bainton, Roland H. Erasmo da cristandade. Nessa obra, um clássico estudo sobre Erasmo, no qual o autor analisa detalhadamente os embates que o pensador roterdamês enfrentou.

ele no *Julius exclusus* (Júlio fora do céu). A obra era um diálogo que circulou logo após a morte do papa Júlio II, ocorrida em 1513. O ataque à pompa, à prepotência e ao anti-evangelismo (mundanização), da cúria de Roma, contribuiu para fortalecer a resistência ao poder unificado da Igreja. Erasmo sempre negou ter editado tal texto, mas nunca negou tê-lo escrito.¹⁰

Lutero foi combatido no plano da teologia e da ética. No ano de 1524, Erasmo publicou o *De libero arbitrio*.¹¹ No texto, procurou responder às teses Reformistas de Lutero sobre a salvação, a hierarquia da Igreja e a liberdade humana. O escrito foi violentamente atacado por Lutero que publicou, em 1525, o seu *De servo arbitrio*.¹² Nele, provocava Erasmo, chamando-o de insensato e de indeciso. O objetivo era mostrar que os posicionamentos tomados para o caminho da Reforma da Igreja eram coerentes e conseqüentes das próprias posições de Erasmo. Isso era inaceitável para o pensador roterdamês. A resposta de Erasmo saiu em dois textos: *Hyperaspistes I* e *Hyperaspistes II*,¹³ respectivamente em 1526 e 1527. Esperava-se uma grandiloqüente defesa de Erasmo a respeito dos temas em questão, mas não foi o que aconteceu. Sem aceitar a provocação, apelou à concórdia e reafirmou suas posições sem muita insistência, e deu mais ênfase a aspectos secundários do *De libero arbitrio*. Ele não aceitou o campo de disputa intelectual definido por Lutero, e este não o perdeu por isso. Erasmo não mais tocou no assunto em seus escritos posteriores.

Em 1526, Erasmo publicou um libelo de louvação à santidade e à pureza do matrimônio cristão.¹⁴ O pequeno texto foi dedicado a Catarina de Aragão, de quem Henrique VIII, logo em seguida, divorciou-se, com a justificativa de necessitar de um herdeiro varão para o trono inglês. Foi grande a celeuma. À solicitação de apoio à causa de Henrique VIII, Erasmo não chegou a dar resposta direta, ele simplesmente manteve a amizade com Tomás More, morto em 1535, sob a acusação de sedição. Eram amigos Erasmo, Henrique Tudor e Tomás More. A partir do episódio do divórcio do rei, Erasmo se afastou dele. Pela ocasião da execução de seu amigo, em 1535, ele lamentou profundamente o fato. Erasmo

insistiu em permanecer fiel a Roma, mesmo criticando duramente os “desvios” da corte pontifical.

Na primeira parte do *Enchiridion...*, Erasmo insistia na seguinte discussão: o conhecimento de si como a mais importante condição para a formação do militante cristão. O passo de voltar-se “adentro”, é um fator caracteristicamente moderno da espiritualidade cristã. Tal reflexão garantiria, segundo ele, o tirocínio na luta, tanto espiritual, quanto corporal. E como identificar essa característica? O militante cristão, com tais atributos, ou seja, a capacidade de “olhar para dentro de si”, é leitor assíduo das Escrituras, e a elas consagrado. É um homem de fé¹⁵. Sua insistência no Evangelho, sua leitura e sua vivência valeram a pecha de incentivador dos reformadores. Tal insistência é frequente em sua obra, e se constitui em uma das mais importantes características de seu pensamento. Seu evangelismo está presente na sua visão sobre a religião, sobre a moral e também sobre a política.

Se o domínio de si é o fim a ser alcançado pelo militante cristão, tal domínio deveria, segundo ele, ser expresso pelo domínio da razão nele próprio. A razão, para ela, deveria desempenhar um papel de soberana. Ela deveria compreender a qualidade humana mais digna, mais importante, e que deve sempre preponderar¹⁶. Essa arquitetura da ética cristã lembra a relação feita por Platão na *Politeia* (República) entre as virtudes pessoais do governante e o império da justiça no Estado por ele governado¹⁷.

Há um outro ponto a ser destacado. Para Erasmo, o predomínio da razão humana pode ser verificado pela ação dos indivíduos. E, ele destacava a virtude da piedade e da solicitude como sinais de predominância da razão¹⁸. Virtudes domésticas, digamos, mas elas têm apelo moral e político importantes. Não se pode perder de vista o fato de que Erasmo identificava moral e política. Para ele, não existiria uma tal virtude que pudesse permanecer restrita apenas a uma das esferas de relações humanas, ou, também, do homem com Deus. Isso significa que também a cortesia, as boas maneiras e o bom-gosto deveriam fazer parte do conjunto de características do homem que, segundo ele, espelharia conscientemente as suas próprias crenças e, servindo ainda, como modelo para outros, ou seja, isso seria

¹⁰ Em edição bilingüe, o texto pode ser consultado em: ERASMO. *Ausgewählte Schriften*, volume V, p. 2-109. Trecho do diálogo em português: In: Bainton, Roland H. Op. cit. p. 127-131.

¹¹ Erasmo. *De libero arbitrio Diatribé sive collatio* (Confronto ou debate sobre o livre-arbitrio) In: *Ausgewählte Schriften*, Volume IV, p. 1-195.

¹² Lutero, Martinho. *Da vontade cativa*. In: *Obras Seleccionadas*, Volume 4, p. 11-216.

¹³ Erasmo. *Hyperaspistes diatribae adversus servum arbitrium Martini Lutheri*. In: *Ausgewählte Schriften*, Volume IV, p. 197-675.

¹⁴ Trata-se do texto: *Christiani matrimonii institutio*. Ele é referido por Pierre Mesnard em uma coletânea. In: Érasme. *La Philosophie chrétienne*. Apêndice: *Chronologie du combat pour la philosophie chrétienne*.

¹⁵ ...Ergo si te totum studio scripturarum dedicabis, si in lege domini meditaberis die ac nocte, non timebis a timore nocturno sive diurno, sed ad omnes hostium insultum munitus atque exercitatus eris. In: Erasmo. *Ausgewählte Schriften*, Volume I, p. 82.

¹⁶ In homine vero ratio regis vice fungitur. In: *Enchiridion militis Christiani*, p. 112.

¹⁷ Platão. *A República*, especialmente o Livro IV.

¹⁸ Optimates accipias licet affectus quosdam, corporeos quidem illos, sed tamen non perinde brutos, quod genus sunt genuina pietas erga parentes, caritas in fratres, benevolentia in amicos, misericordia in afflictus, metus infamiae, cupido honestae opinionis et si qua sunt consimilia. In: *Enchiridion...* p. 112.

sinal de civilidade. A civilidade, aliás, é tema preciso de uma outra importante obra de Erasmo: “*De civilitate morum puerilium*” (A Civilidade Pueril), de 1530. No opúsculo, dedicado a Henrique da Borgonha, ele desfiou sua moral e mostrou que o comportamento denota a formação do indivíduo para além do seu nascimento. Se a nobreza é originada pelo nascimento, os hábitos cortesões devem ser aprendidos.¹⁹ Nota-se que tal idéia caracterizou uma importante viragem na concepção sobre ética e também sobre política no período, além, é claro, do cuidado-de-si. Essa viragem constituiu, ou melhor, ajudou a construir a posterior noção burguesa de indivíduo, de individualidade e, por extensão, de sujeito e de subjetividade. A viragem foi permeada pela idéia de civilidade²⁰, pois o quadro das relações humanas estava em larga e profunda transformação naquela época.

*À medida que mudava a estrutura das relações humanas, as organizações monopolistas da força física se desenvolviam e o indivíduo se resguardava do impacto das rixas e das guerras constantes e passava a sofrer as compulsões mais permanentes de funções pacíficas baseadas na aquisição de dinheiro ou prestígio, a manifestação de sentimentos também foi gravitando, aos poucos, para uma linha intermediária. As oscilações no comportamento e nos sentimentos não desapareceram, mas se abrandaram.*²¹ (Elias, 1994: 200)

As mudanças indicadas por Elias (1994) compunham o complexo quadro das transformações políticas, religiosas, econômicas e artísticas refletidas nos “pequenos mundos” das relações sociais, medidas, no varejo, pela noção de civilidade, em processo de constituição no início da Modernidade.²² E, entre os componentes desse quadro, pode-se destacar, também, a educação.²³

O pequeno manual de Erasmo expressava sua visão de pensador humanista permitindo-lhe estar inserido no panteão dos intelectuais de sua época, grupo que chamaríamos hoje de “intelectuais progressistas”.

O Humanismo desenvolveu várias vertentes e, algumas delas, como a de Erasmo, eram profundas e sinceramente cristãs. O traço que unia os humanistas das diversas tendências poderia ser englobado como:

- Valorização e tentativa de recuperação dos autores clássicos: gregos e romanos;
- Maior presença de estudos humanísticos nos textos, em preferência aos estudos teológicos;
- Composições de estilo apurado e erudito;
- Valorização da poesia e das artes em geral;
- Preocupação com aspectos pedagógicos dos ideais desfraldados e assumidos como programas de vida.²⁴

Todas as características acima indicadas podem ser facilmente localizadas, em muitas passagens, na obra erasmiana, acrescentando também o seu evangelismo a esse rol. Seus escritos contribuíram para disseminar as discussões a respeito da fé e da religião. Sobre o *Enchiridion militis christiani*, exemplo dessa perspectiva, Sem Dresden (s.d.) afirma:

*O que há de notável neste livro, em primeiro lugar, é dirigir-se aos devotos laicos, não sendo assim a fé já um assunto de exclusiva competência do clero e das ordens religiosas. Ocupar-se dos assuntos de fé é não só um direito mas o dever de toda a gente. Esta opinião sobre a religião ganhava rapidamente terreno nessa época.*²⁵

O próprio Erasmo era mostra viva dessa tendência. Ele era um clérigo, mas não exercia funções eclesásticas e nem habitava em mosteiro. Além disso, reivindicou, até conseguir, a dispensa de uso do hábito monacal, numa época em que o uso de um hábito religioso representava uma importante simbologia do poder. Desfazer-se dele poderia ser até temerário, no entanto, foi o que fez Erasmo. E assim, também em sua vida pessoal, viveu uma nova forma de religiosidade de característica marcadamente moderna.

Antes de passar aos cânones, nome dado por Erasmo às 22 regras de comportamento estabelecidas por ele mesmo no texto, ele caracteriza as três partes do homem: o espírito, a alma e a carne. E, nessa parte, Erasmo destacou que alguns comportamentos, mesmo bons, não são mais do que naturais. Qualquer pagão também poderia ser ou é bom para seus pais, seus amigos e seus parentes²⁶. O cristão, então, pode-se inferir da leitura do texto, seria portador de um maior grau de civilidade porque juntaria em si a caridade cristã, uma virtude política e a sabedoria. Para ele, o cristianismo seria sinônimo de civilização. Descortinando essa visão para a ação moral, ele indica as três frentes contra as quais deve lutar o cristão, e às quais os cânones fazem referência:

- A cegueira, que obstaculiza o julgamento;
- A carne, que corrompe a vontade;

¹⁹ Erasmo. A Civilidade Pueril, passim.

²⁰ Veja-se Elias, Norbert. A sociedade de corte. Especialmente o capítulo V: Etiqueta e cerimonial: comportamento e mentalidade dos homens como funções da estrutura de poder de sua sociedade. p. 97-131.

²¹ Elias, Norbert. O processo civilizador II, p. 200.

²² Elias, Norbert. O processo civilizador I, especialmente o capítulo II, p. 65-213. Nele o autor discute o papel desempenhado pelos manuais de civilidade na formação do gosto burguês. Erasmo foi o grande iniciador do gênero.

²³ Veja-se Brandão, Carlos da Fonseca. Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização.

²⁴ Veja-se Dresden, Sem. O Humanismo no Renascimento. O capítulo 2 é inteiramente dedicado à figura de Erasmo. p. 110-143.

²⁵ Dresden, Sem. Op. cit. p. 119-120.

²⁶ Cf. Erasmo. Enchiridion militis christiani, p. 142 e 144.

- A fraqueza, que atenua a constância.²⁷

É evidente que uma tal espiritualidade não teria sido mesmo bem vista pelas altas autoridades eclesiásticas. Foram necessários mais alguns anos para que a Igreja Católica aceitasse em seu seio formas de manifestação de espiritualidade com tais características. Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus (1540) e Santa Teresa de Ávila (1515-1582), reformadora da Ordem Carmelita, ambos nascidos na Espanha, encetaram realizar, cada um a seu modo rigoroso, grandes mudanças na espiritualidade católica. Inácio com os seus “Exercícios Espirituais”²⁸ e Teresa com seu “Castelo Interior”²⁹ operaram, mais do que tematizaram, uma forma de espiritualidade mais individualizada, tendo a individualização como uma das bases mais importantes da constituição do sujeito moderno. As espiritualidades foram vistas com grandes reservas no início, elas foram assentadas sobre uma concepção de esforço (trabalho) físico, uma novidade na mística cristã. Suas preocupações e pregações falavam também do corpo e de suas atividades. Assim, falar sobre o corpo e de como ele poderia ajudar a espiritualidade passou a ser comum, desde então, nos meios católicos.

No quadro de renovação da espiritualidade e da eclesiologia cristã, Erasmo desempenhou um importante papel, e sua herança tem sido disputada tanto por protestantes quanto por católicos. As várias correntes do cristianismo têm visto em Erasmo um grande precursor do Espírito da Modernidade no interior do cristianismo. A própria obra de Erasmo dá margem a tais possibilidades diferentes de apropriação de seu pensamento.

No *Enchiridion militis christiani* vemos, em trechos diferentes, argumentos do próprio Erasmo a reforçar ora as teses Reformadoras, ora as teses Católicas. Nos cânones de 4 a 6, ele apelava para uma fidelidade à tradição, argumento caro aos católicos (*Opiniones Christiano dignae*)³⁰ como condição para a realização pessoal dos cristãos. Por outro lado, na carta dedicatória do texto a Paul Voltz, que tem acompanhado as edições do *Enchiridion militis christiani* desde 1518, Erasmo desfiava suas maiores críticas à forma exterior de religiosidade na Igreja que ele conhecia. Esse foi um argumento muito ao gosto

dos Reformadores poucos anos depois. Vejamos o que ele criticava:

- Os ritos da vida monástica;
- Disputas escolásticas;
- Indulgências;
- Peregrinações;
- Obediência irrestrita à hierarquia;
- Tirania do alto clero.³¹

Apropriadas pelos defensores radicais de Reforma na Igreja, essas críticas fortaleciam os descontentes aos seus ataques à Cúria Romana, e se disseminavam pela cristandade.

Os aspectos da religião e da moral em Erasmo não são indissociados de sua visão política. Seu pensamento político é, seguramente deduzido, ou melhor, derivado de sua firme convicção religiosa. Denis Huisman (2001) afirma:

*O fundamento do pensamento político de Erasmo é o evangelismo. Para ele, a reforma dos Estados passa antes pela dos costumes, e não é possível reformar os costumes sem referência ao Evangelho. Tal perspectiva não deixa de ter força e, no contexto da época, tem grande ressonância.*³²

A filosofia política de Erasmo, inspirada pelo Evangelho, apareceu refletida também em duas outras obras: *Dulce bellum inexpertis* (A guerra é suave para quem não a conheceu), de 1515, e o *Querela pacis* (A queixa da paz), de 1517.³³ Nelas pode-se notar claramente a firme defesa de um irenismo que pareceu a muitos de seus contemporâneos, uma moral da tibieza e uma filosofia política anacrônica. Hoje, no entanto, Erasmo é considerado como um dos mais importantes inspiradores da Europa unida. Denis Huisman (2001) resume assim os princípios erasmianos para a garantia da paz política:

*O tratado Dulce Bellum inexpertis (A guerra é doce para quem não a experimentou) apresenta seis regras para a paz: 1) desarmar os antagonismos nacionais; 2) estabilizar a situação territorial da Europa; 3) fixar a ordem das sucessões monárquicas; 4) subtrair aos príncipes o direito de declarar guerra; 5) organizar a arbitragem nos conflitos; 6) mobilizar em favor da paz todas as forças morais.*³⁴

Mesmo tendo sido propostas numa perspectiva de profundo enraizamento na realidade em que ele vivia, suas idéias sobre o tema mantêm uma pungente e impressionante atualidade. O texto parece falar de uma situação bastante próxima de nós e bastante conhecida também.

Na parte final do texto do *Enchiridion militis christiani*, Erasmo passou a abordar o tema dos

²⁷ Erasmo. *Enchiridion militis christiani*. *Caecitas officit iudicio; caro depravat voluntatem; infirmitas frangit constantia*. p. 150.

²⁸ Inácio de Loyola (Santo). *Exercícios Espirituais*. Trata-se de um documento que registrou a experiência de conversão religiosa de seu autor. Eles são usados como modelo de exercitação espiritual para os jesuítas ainda hoje. É uma reflexão rigorosa, acompanhada de um diretor espiritual.

²⁹ Teresa de Ávila. *Castelo Interior*. In: *Obras Completas*, p. 433-588. No texto, a madre relata um processo de construção de uma peculiar mística contemplativa, que se tornou referência no catolicismo devido ao seu alto grau de engajamento religioso.

³⁰ Erasmo. *Enchiridion militis christiani*. p. 168-302.

³¹ Erasmo. *Epistola ad Paul Voltz*. In: *Ausgewählte Schriften*, Volume I, p. 2-52.

³² Huisman, Denis. *Dicionário dos filósofos, verbete Erasmo*, p. 352.

³³ Erasmo de Roterdão. *A guerra e a queixa da paz*.

³⁴ Huisman, Denis. *Op. cit.* p. 353.

chamados vícios particulares: luxúria, cupidez, ambição, orgulho e desejo de vingança.³⁵ Todos eles foram abordados não só através de uma perspectiva moral, mas também por uma perspectiva ético-política. Por fim, no epílogo do texto, Erasmo retomou algumas afirmações, suavizando-as e se desculpando com o destinatário pelo fato de ter tomado a liberdade de dar conselhos, assumindo-se como um moralista que, com ironia mordaz, criticava a religião fundada sobre a superstição e também sobre a vida monástica.³⁶

Enfim, é necessário agregar o elemento da educação, no sentido geral, à composição da visão político-teológica de Erasmo. Para ele, a virtude é ensinável, e cada homem pode aprendê-la. Nesse sentido, Erasmo deve ser caracterizado como educador e importante figura do mundo pré-moderno, sendo considerado um importante educador europeu, e sua concepção de educação é indissociada da moral. Porém, não é só isso, sua visão de educação abrangente inclui também uma perspectiva aristocrática, em um certo sentido. Ele se preocupava mais com a formação pedagógica, moral e religiosa das figuras que exerceriam futuramente importantes papéis sociais. Seu “soldado cristão” deveria ser também um importante líder. Essa visão também pode ser verificada em outros de seus textos, grande parte deles dedicados às figuras de grande poder e prestígio social, entre eles pode-se destacar: Martinho Lutero, Catarina de Aragão e Carlos da Borgonha, futuro imperador Carlos V. Todos eles eram importantes figuras do cenário político europeu daquela época.

A filosofia política de Erasmo de Roterdão identificava, na figura do governante (ou da liderança destacada) a imagem do Estado, do Governo e da religiosidade formas objetivas dos resultados da ação política. Essa identificação entre indivíduos e Estados, do modo como se desenvolveu após Erasmo, expulsou definitivamente o argumento do “direito divino” na filosofia política. A tendência já existia na sua obra.

Referências

ARNAUT DE TOLEDO, C.A. Bernardo de Claraval e exortação aos *Cavaleiros do Templo*. In: SEMANA DE FILOSOFIA DA UESC. Ilhéus. 2, 2000. *Anais...* Ilhéus: Editus, p. 9-19, 2000.

BAINTON, Roland H. Erasmo da cristandade. Lisboa:

Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

BERNARDO (SAN) *Opere I*. Rome: Città Nuova, 1984.

BRANDÃO, C.F. *Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização*. Petrópolis: Vozes, 2003.

DRESDEN, S. *O Humanismo no Renascimento*. Porto: Inova, s. d.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. 2 volumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

ERASME. *La Philosophie chrétienne*. Paris: J. Vrin. 1970.

ERASMO. *A civilidade pueril*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

ERASMO DE ROTERDÃO. *A guerra e a queixa da paz*. Lisboa: Edições 70, 1999.

ERASMUS VON ROTTERDAM. *Ausgewählte Schriften*. Volumes I, IV e V. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1990.

FISCHER-WOLLPERT, R. *Léxico dos papas*. De Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 1991.

GILSON, É. *La théologie mystique de Saint Bernard*. Paris: J. Vrin, 1986.

HUIMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INÁCIO DE LOYOLA (SANTO). *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 18. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

LUTERO, M. *Obras Seleccionadas*. Volume 4. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1993.

PLATÃO. *A República*. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

TERESA DE ÁVILA (SANTA). *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 1995.

Received on August 13, 2003.

Accepted on April 06, 2004.

³⁵ Erasmo. *Enchiridion militis christiani*, p. 370.

³⁶ *Id quod eo feci maturius, quod nonnihil metuerem, ne in superstisiosum istud religiosorum genus incideres, qui partim quaestui servientes suo, partim ingeni zelo, sed non secundum scientiam circumeunt mare et aridam, et sicubi nacti fuerint hominem a vitis ad meliorem vitam iam respicientem, eum illico improbissimis hortamentis, minaciis, blanditiis in monachatum conantur detrudere, perinde quae extra cucullum Christianismus non sit. Idem, ibidem, p. 370.*

